

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DA ESTÓNIA: UM NINHO AO VENTO
17 e 19 de Abril de 2023

PÕRGUPÕHJA UUS VANAPAGAN / 1964 “As Desventuras do Novo Satanás”

um filme de Grigori Kromanov, Jüri Müür

Realização: Grigori Kromanov, Jüri Müür / Argumento: Jüri Müür, Gennadi Kaleda baseado no romance *Põrgupõhja uus Vanapagan*, de A. H. Tammsaare (1939) / Direcção de Fotografia: Juri Garšnek / Montagem: Ludmilla Rozenthal / Som: Kadi Müür / Música: Eino Tamberg / Guarda-Roupa: Natália Mei, Heljo Talts / Interpretação: Elmar Salulaht (Vanapagan), Ants Eskola (Kaval-Ants), Astrid Lepa (Juula), Leida Rammo (Lisete), Heino Mandri (Pároco), Olev Eskola (Polícia), Kaarel Karm (Doutor), Jüri Järvet (Peetrus), Jaan Saul (Kustas), Eili Sild (Maia), Lea Unt (Rila), Ines Aru (noiva), Oskar Liigand (Vizinho), Hugo Laur, Ervin Abel Einari Koppel, Ants Jõgi, Mikk Mikiver, Robert Gutman, Helmut Vaag, Aado Hõimre.

Produção: Tallinnfilm (República da Estónia/URSS) / Direcção de Produção: Veronika Bobossova / Cópia: em ficheiro, preto e branco, falada em estónio, legendada em inglês e electronicamente em português / Título inglês: “Devil with a False Passport” / Duração: 94 minutos / Estreia comercial: 15 de Junho de 1965, Estónia / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Põrgupõhja Uus Vanapagan ou “As Desventuras do Novo Satanás” é uma obra surpreendente com uma densidade invulgar, exemplo máximo da cinematografia estónia realizada no período soviético por dois autores que para nós são desconhecidos; o realizador e encenador Grigori Kromanov (1926–1984) e o realizador e argumentista Jüri Müür (1929-1984), ambos de origem estónia com um trabalho cinematográfico ficcional relativamente escasso, que terão encontrado dificuldades em filmar, em parte por razões políticas. **Põrgupõhja Uus Vanapagan** é a segunda longa-metragem de ambos e se Grigori Kromanov havia iniciado o seu percurso como actor e mais tarde como realizador na televisão, Müür estreou-se logo no cinema depois dos seus estudos no VGIK em Moscovo.

Em **Põrgupõhja Uus Vanapagan** tudo começa com um negócio às portas do céu em torno da natureza humana e da possibilidade da sua salvação. A mando de Deus e de São Pedro, satanás descerá à terra sob a forma humana com o objectivo de tentar a salvação, a sua e, por consequência de todos os homens, num mundo em que poucos se esforçam para salvar a sua alma. Elmar Salulaht é tal diabo, ou Vanapagan, apresentando-se num papel do extraordinário que corresponde à sua primeira experiência no cinema.

Nesta reflexão indirecta sobre o bem e o mal, satanás chegará à terra na companhia de uma mulher e uma traição matrimonial ditará o seu destino. Decidido a uma vida pacata e exemplar, depressa se desvia do seu caminho, cometendo várias atrocidades, que traduzem a sua natureza simultaneamente forte e violenta. Vanapagan é um homem corpulento e de porte exemplar, que encontra a dada altura a companheira à medida, Juula, mulher enérgica e futura mãe dos seus muitos filhos, que transpira vida por todos os poros.

Sobre **Ordet** (1955), em que pensamos várias vezes face a **Pörgupõhja Uus Vanapagan**, filme que nos surgiu sem grandes coordenadas, João Bénard da Costa escreveu que “é um filme de corpos e almas”. **Pörgupõhja Uus Vanapagan** sê-lo à de outra forma. Um filme de almas, cujas almas estão ausentes, mas em que os corpos se apresentam em toda a sua imponência e majestade – a sequência da luta corpo a corpo com o urso é bem ilustrativa desta dimensão, como o é um curioso diálogo entre um padre e o protagonista.

- Não está na lista das almas (...) Será um verdadeiro diabo (...) Mas se é um verdadeiro diabo porque veio à terra?

- “Para conseguir a salvação”

Vanapagan, como Johannes, de **Ordet**, na sua estranheza face ao mundo dos homens, é visto como um retardado ou um louco. Mas aqui não há milagres. João Bénard da Costa escrevia que **Ordet** “[era] um filme de corpos e almas” referindo-se ao momento em que Mikkel responde ao pastor, que lhe dissera que a alma da sua mulher morta estava no céu, replicando “que não lhe amava apenas a alma, mas também o corpo”. E se Johannes – a personagem mais excêntrica desse filme – consegue a sua ressurreição, o mesmo não acontece com Vanapagan, que apenas pede que a salvação das almas da sua mulher e da sua inocente filha, quando estas se confrontam com a morte.

Não se trata tanto de uma sátira, mas de uma tragédia, pois é trágico o destino da sua família, como se tal diabo, como qualquer humano, tivesse que ser sujeito a todo o tipo de provações. É enquanto Vanapagan esculpe o caixão de Juula, que deparamos com um sublime momento de cinema, e um daqueles raros diálogos de uma intensidade invulgar, que (nos) faz intuir a chegada da morte: “Quando ouvi o som do meu caixão a ser preparado, pensei como fomos felizes e abençoados juntos.” A partir daí está traçado o caminho da perdição. Parábola sobre a natureza humana, parábola sobre o bem e o mal, em que, apesar de tudo, há uma réstia de esperança. Havia ainda a muito jovem menina que é resgatada por uma vizinha.

Joana Ascensão